

1 Doutorando da Puc- SP do Núcleo de Subjetividade. Psicanalista, compõe o coletivo Margens Clínicas, onde articula o projeto de Aquilombamento das Margens.

2 Professor adjunto na Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras Júlio de Mesquita Filho, em Assis, SP, atuando na graduação e na pós-graduação. Livre-docente (2013) em Psicologia Clínica UNESP.

3 Filme sueco de 1993, *Tala! Det är så mörkt*, no original. Dirigido por Suzanne Osten.

4 Castañeda, Marina. Eschuchar(nos). *Hacia la comprensión de los demás... de uno mismo*. México: Editorial Taurus, 2010.

5 Ribeiro, Dijamila. *O que é: lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

# A clínica e a construção dos lugares de fala e de escuta

Kwame Yonatan Poli dos Santos<sup>1</sup>  
Fernando Silva Teixeira-Filho<sup>2</sup>

## Resumo

Inspirados no filme *Um skinhead no divã*, refletiremos sobre a clínica e os conceitos de lugar de fala e lugar de escuta. A partir da análise das contradições e tensões presentes no filme, tentaremos refletir sobre as especificidades clínicas do atendimento de populações que sofreram violências estruturais: racismos, machismos e LGBTfobias. Além disso, traremos para o campo da problematização a construção de um lugar de escuta analítico em diálogo com a noção de "lugar de fala".

Palavras-chaves: Clínica psicanalítica; lugar de fala; lugar de escuta;

Inspirados no filme "Um skinhead no divã"<sup>3</sup>, refletiremos sobre a clínica e o conceito de lugar de fala. A partir da análise das contradições e tensões presentes no filme, tentaremos refletir sobre as especificidades clínicas do atendimento de populações que são vitimizadas com as violências estruturais: racismos, machismos e LGBTfobias. Além disso, traremos para o campo da problematização a construção de um lugar de escuta analítico<sup>4</sup> em diálogo com a noção de "lugar de fala"<sup>5</sup>.

Em resumo, o filme narra a história de um jovem neonazista sueco (Soren), que ao ser espancado por outros neonazistas, esconde-se deles em um trem. No trem, Soren senta próximo a um médico judeu mais velho, Jacob, que se compadece dos ferimentos e da evidente angústia de Soren. Assim, Jacob oferece a Soren um curativo na cabeça e o convida a ir ao seu consultório para tratá-lo. O rapaz reluta mas aceita a ajuda e o filme passa a narrar a tênue linha entre o cuidar do outro e o cuidar de si, sugerindo linhas de composição para a compreensão da intrigante e complexa trama das relações de subjetivação.

Vale dizer que a história de um skinhead ser atendido por um analista judeu, já nos parece absurda, contraditória e perigosa por se. Como pode uma pessoa ajudar a quem quer lhe matar? Qual transferência de saber, que confiança, qual o valor da palavra, qual credibilidade prevalecerá? Estas perguntas se tornam extremamente urgentes para a clínica posto que está se estabelece a partir da fundação de uma confiança, de uma credibilidade, da transferência. De que modo o skinhead valorizará a ajuda do judeu? De que modo o judeu manterá o desejo de que a análise se dê apesar do risco de ser morto? Isto nos faz lembrar aquelas relações entre domadores de feras (tigres, leões, ursos) as quais quase sempre acabam com a morte dos domadores.

Soren havia machucado a cabeça ao ser agredido por seus comparsas após o mesmo ter desistido de agredir um refugiado. O médico oferta seus cuidados, lembrando que, certa vez em sua infância, no Holocausto, um soldado nazista havia colocado o dorso de uma faca em sua cabeça para conter o inchaço provocado por uma pancada que Jacob havia dado em uma parede. De que lugar precisaram se subjetivar para poderem escutar o que falam? Uma vez mais, temos aqui o analista mostrando que já desde pequeno está familiarizado com o ver-se colocado em um lugar vulnerável no qual, ao invés de tirarem-lhe a vida, preservam-na. Esta cena nos faz intuir que o analista, desde muito cedo, tenha acreditado que mesmo um nazista possa ser uma pessoa capaz de compaixão e generosidade.

O filme começa com Jacob oferecendo para cuidar da cabeça de Soren, tal como o soldado nazista havia feito com ele quando criança. Portanto essa cena dialoga simbolicamente com aquela do soldado alemão colocando a lâmina de sua faca para aliviar o galo na cabeça da criança judia; e a pergunta de Jacob: por que não me matou?

Pensamos que do ponto de vista simbólico, Jacob acreditava em poder retribuir esse gesto tratando da ferida de Soren. Assim sendo, possivelmente, o ponto de identificação é a ferida. É possível imaginar que o médico, ao ver que Soren estava fugindo do grupo de neonazistas, tenha acreditado que apesar das convicções políticas fascistas ainda restasse em Soren um pouco de humanidade que merecesse ser cultivada e fortificada? Acreditamos que as lembranças deste analista conservem intensidades afetivas atemporais suficientes para, mesmo após transcorridos tantos anos ele tenha se identificado com a possibilidade de retribuir a ajuda que uma vez lhe foi ofertada. Mas, e do lado do jovem Soren? O que o teria motivado a aceitar a ajuda? Quais intensidades aquele encontro teria lhe aflorado? As lembranças e as questões do Jacob e do Soren ecoam ao longo da narrativa do filme com uma intensidade atemporal: qual seria a questão que levaria um *skinhead* à análise? Qual o sintoma do rapaz que o leva ao divã? A xenofobia? O racismo? O machismo? A LGBTfobia?

### **O papel da identificação na análise**

Para começarmos a refletir sobre as questões colocadas anteriormente, traremos uma cena clínica recorrente que se situa diametralmente oposta à do filme (o analista judeu e o analisando *skinhead*) na qual pessoas negras procuram analistas negros, pois eles entenderiam suas vivências, ou ainda LGBTs procuram analistas LGBTs e assim por diante.

Não é incomum a análise começar pela questão de uma identificação imaginária, porém o quanto isso sustenta uma análise? Ou antes, qual posicionamento discursivo sustenta um trabalho analítico?

A vantagem da escolha identitária, segundo os próprios analisandos, é, primeiro, não sofrer racismo, ou LGBTQIfobia na análise, por exemplo; ou, ainda, o analisando não ficaria incumbido de apresentar ao analista as discussões sobre o tipo de opressão que esse sofreria. Contudo, nessa decisão mora uma questão analítica, visto que cada um se afeta, e conseqüentemente, elabora de forma diferente, mesmo que passe pela mesma cena de opressão.

6 Kilomba, Grada. 1968 – *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*; Tradução Jess Oliveira, Rio de Janeiro, 2019, p.117. .

7 Deleuze, Gilles. *Sobre o Teatro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, p.59.

8 Deleuze, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 2013.

9 Serfaty, Gabriela. *Por uma escuta menor*, Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia CI, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.

10 Rancière, Jacques. *O inconsciente estético*. Editora 34, São Paulo, 2009, p.11.

É possível imaginar que outra vantagem, por assim dizer, seria em ato, em alguns casos, o analista mostrar que é possível sobreviver a essas formas de violência e construir outros modos de existir no mundo que não sejam pautados na vivência do sofrimento.

Por outro lado, é possível análise baseada exclusivamente na identificação imaginária? Acreditamos que não, pois o trabalho analítico não se sustenta unicamente pelo imaginário, mas pelo posicionamento discursivo do analista.

O trabalho analítico a partir do imaginário se limita ao ponto do visível, do invisível não, ou seja, para se alcançar o plano inconsciente é preciso ir além.

*A priori*, não havia identificação entre o Soren e o Jacob, ou talvez possamos imaginar, pelo enredo apresentado no filme, que o trabalho de análise iniciou-se com a ferida, ou talvez, na possibilidade de uma escuta-migrante que possibilitasse Soren se deslocar daquele sofrimento projetado no medo dos "estrangeiros": "(...) racismo não é falta de informação sobre a/o "Outra/o" – como acredita o senso comum –, mas sim a projeção branca de informações indesejáveis na/o "Outra/o"<sup>6</sup>; ou seja, assim como no racismo há uma projeção que implica aquele que pratica a discriminação, no exemplo de Soren, sua angústia seria, em suas palavras, efeito de não aguentar se sentir sempre como um refugiado.

Por mais que Soren destrua ou tente de alguma maneira se desvincular, ou desidentificar daqueles que não lhe são espelho, ele permanece implicado na cena, pois o estrangeirismo que busca extinguir o envolve, visto que a diferença é exatamente aquilo que nos une: "(...)se a maioria remete a um modelo de poder – histórico, estrutural ou os dois ao mesmo tempo –, é preciso também dizer que todo mundo é minoritário, potencialmente minoritário"<sup>7</sup>. O filósofo Deleuze, em *Crítica e Clínica*<sup>8</sup>, fala-nos sobre a vitalidade que guarda sermos estrangeiros na nossa própria língua; isto é, a importância de desenvolvermos um discurso menor dentro da língua materna. Nesse sentido, a partir da questão do que sustenta uma análise, para além da identificação imaginária, pensamos ser necessário uma escuta menor que permita existir o estrangeiro em nós como um intruso<sup>9</sup>, como veremos mais adiante.

A clínica só acontece no limite das fronteiras do eu, fora de si, em zonas anômalas de intensidades, de intersecção. A clínica interseccional, por assim dizer, localizada no "entre", exige uma escuta do inconsciente que se desloque de si mesmo, capaz de balançar; ou seja, afetar-se pela experiência da subjetividade fora do sujeito, fora da experiência do eu.

É comum escutar que Freud deu voz ao inconsciente. Cremos que seja o contrário: ele ofereceu uma determinada escuta a esse campo emergente. Assim, "... a teoria psicanalítica do inconsciente é formulável porque já existe fora do terreno propriamente clínico, certa identificação de uma modalidade inconsciente do pensamento"<sup>10</sup>.

11 Rolnik, Suely. *Esferas da Insurreição - notas para uma vida não-cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018

12 Birman, Joel. *Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo, Ed. 34, 1996.

13 Kreshaw, K. *Why intersectionality can't wait*. 2015. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/news/in-theory/wp/2015/09/24/why-intersectionality-cant-wait/?hpid=hp\\_hp-top-table-main-intersectionality%3Ahomepage%2Fstory&hpid=hp\\_hp-top-table-main-intersectionality%3Ahomepage%2Fstory](https://www.washingtonpost.com/news/in-theory/wp/2015/09/24/why-intersectionality-cant-wait/?hpid=hp_hp-top-table-main-intersectionality%3Ahomepage%2Fstory&hpid=hp_hp-top-table-main-intersectionality%3Ahomepage%2Fstory), acessado em 19 de agosto de 2019.

Freud interpretou fenômenos avessos à racionalidade moderna e possibilitou que estes servissem de exemplos de sua descoberta, visto que estes "são em si mesmos testemunhos de um determinado inconsciente" (idem). O mergulho na psicanálise e sua perspectiva do inconsciente permitiria uma precaução a escuta de alguns elementos discursivos anódinos.

Deste modo, é preciso pensar qual seria a ética para a construção de um lugar de escuta analítico? Ou ainda, como construir um lugar de escuta que toque em uma posição de uma escuta menor?

### **Psicanálise decolonial e o lugar de escuta**

O subtítulo causa estranheza, pois nos daria a ideia de que haveria uma colonização presente em determinada posição da psicanálise que precisaria ser desconstruída. Pensamos que se desejamos descolonizar a clínica, isso passa pela descolonização do que haveria de colonial no discurso analítico. Nesse sentido o inconsciente não seria mais apenas edípico, mas colonial-escravocrata<sup>11</sup> para se pensar os modos de subjetivação que hoje nos atravessam e a suas interseccionalidades, portanto iremos introduzir no campo psicanalítico a noção de lugar de escuta. O lugar de escuta é o da escuta das variações das singularidades dentro da língua maior, refere-se à construção de uma estilística da existência<sup>12</sup>. Para isso é necessário construir uma ética à altura, que se deixa atravessar pelas intersecções dos marcadores sociais de diferença, isto é, uma clínica que amplie suas bases teóricas para se pensar os modos de produção das subjetividades para além das relações edípicas e fantasmáticas inconscientes, incorporando, por exemplos, referências das violências estruturais das relações humanas.

Nesse sentido, a noção de interseccionalidade<sup>13</sup> promove desestabilização da noção de identidade como uma essência fixa. Interseccionalidade é perspectiva ética que pensa gênero, sexualidade e raça de maneira interligada, por exemplo, que pensa o machismo e o racismo como experiências que se entrecruzam e interagem produzindo efeitos específicos.

Deste modo, o posicionamento interseccional é uma posição de questionamento da identidade naturalista, a partir dele a identidade passa a ser efeito do poder sobre nosso corpo.

Deste modo, para trabalhar com o atravessamento dos marcadores sociais de diferença na clínica, para além da identificação imaginária, faz-se necessário produzir aberturas na escuta, conexões interseccionais, visto que estas não estão dadas *a priori*.

A tarefa do analista é dissociar o significante do significado, para que o significante possa circular. Neste sentido, a identidade não mais é fixada e se abre a uma multidão, abrindo ao analista a possibilidade de um lugar de escuta de uma polifonia desejante. Logo, a intersecção se torna uma ética na clínica, a composição de uma perspectiva de escuta atravessada pelos marcadores sociais de diferença.

No filme em questão, em uma das sessões, Soren narra uma cena em que desejaria flutuar sobre as ondas, como o surfista, Jacob escuta isso na sua literalidade, porém acreditamos que Soren relembra a violência que sofreu do pai, em que o pai goza com o

14 Deleuze, Gilles. op. cit., 2013.

15 Castañeda, Marina, op. cit, p. 188.

16 Idem, op. cit, p. 198.

corpo do filho, abusando dele e deixando a questão: quem está dizendo a verdade? O pai, Soren ou o Jacob?

Nesse sentido, acreditamos o pai é o mar que Soren afoga: "assim que a criança aprende a nadar, caindo na água" - diz Soren/ No filme, quando Soren fala do surf, ele começa a dar um novo sentido, ali o Jacob faz uma clínica de produção de significação e dá o significado, nomeando; como diz Deleuze<sup>14</sup>, ao invés de interpretar, é preciso experimentar, ou seja, construir uma clínica da intensidade, das forças pulsionais.

Porém, onde se fundaria no inconsciente a escuta de tal perspectiva clínica e ética?

É fundamental lembrarmos que a escuta analítica é uma escuta qualificada. Difere-se, portanto, de uma interação entre amigos, não apenas por ser mediada pelo dinheiro ou outra forma de pagamento, mas sobretudo, pelo fato de que na "relação de amizade se espera uma reciprocidade, na qual haja alternância, de modo que cada pessoa sente necessidade de contar suas experiências"<sup>15</sup>. Já na relação analítica, a troca deve estar focada na problemática do paciente e não o inverso.

Cada corrente teórica em psicologia irá formar seus profissionais a escutar seus pacientes de modo distinto. Elencando, pelo menos 15 características específicas da escuta psicoterapêutica e comuns de todas as correntes teóricas, Castañeda conclui:

*En conclusión, la escucha clínica puede definirse, ante todo, en función de lo que no es: no es una escucha amistosa, recíproca, espontánea, ni natural. Se trata de una habilidad aprendida y cultivada, hecha de empatía pero a la vez de distancia; de curiosidad, pero sólo al servicio del tratamiento; de paciencia, pero con fines estratégicos; que alterna entre pasado y presente; y que tiene varios propósitos, más allá de cualquier conversación social.<sup>16</sup>*

Por razões de extensão e foco deste artigo, iremos nos concentrar na escuta psicanalítica, que é uma escuta direcionada à construção de fantasmáticas inconscientes e com a qual estamos mais familiarizados. Tratamos aqui da "atenção flutuante" postulada por Freud como o corolário da associação livre do analisando.

A atenção flutuante, como sabemos, é um lugar na escuta a ser construído durante o processo analítico. Nele, buscamos não apenas um silêncio exterior, mas também um silêncio interior a partir do qual o paciente pode escutar-se a si mesmo, a partir do qual o analista funciona como um ressonador do dito de seu analisante para que o mesmo se escute e se responsabilize por seu dito, que se reconheça nele como efeito ou agente do discurso.

A partir do campo freudiano, tomaremos a noção do inconsciente acentuando a perspectiva pulsional, o que nos permitirá um diálogo com os estudos das feministas negras, objetivando a construção de um diálogo entre "lugar de fala" e a perspectiva pulsional que chamaremos de lugar de escuta analítico.

Pulsão é uma perspectiva, um ponto de vista, um lugar de escuta, se pensarmos o inconsciente como sendo de consistência ética, a pulsão é uma ética, visto que estamos realizando uma discussão

ética dentro da clínica para além dos marcadores sobre o corpo, construindo uma dobra dessas determinações, produzindo novos modos de existir por meio do dispositivo analítico para além do imaginário.

Desse modo, Freud definiu a pulsão como uma zona interseccional entre o corpo e o aparelho psíquico, esse território anômalo é uma perspectiva singular em exercício que produz o comum, ao mesmo tempo, que quanto mais se encontra o comum mais se produz a singularidade em uma relação virtuosa; portanto a perspectiva pulsional é um ponto de vista singular, um lugar de escuta analítico. A pulsão é o não-colonizável da subjetividade, um outro ponto de vista avaliador, um pensamento que está fora-da-Lei. Sendo um ponto de vista crítico, coloca-se no não-todo, no parcial em relação à totalidade, que não se explica pela negatividade, mas pela afirmação da vida.

Assim, a pulsão funciona como a atualização da expressão plástica da força ativa da vida em nós e quando essa força é impedida de se realizar como tal, temos as correções de rota, as formações do inconsciente (sonhos, sintomas, ato falho, etc.). No entanto, "a força da qual se padece é possível de ser exercida"<sup>17</sup> quando nos posicionamos eticamente, a altura do acontecimento.

O desejo é um exercício ético, segundo Lacan, assim sendo há uma perspectiva clínica no trato da subjetividade que busca escutar o desejo a partir da sua pragmática e se posicionar eticamente a partir da pulsão, portanto, nessa perspectiva, construir um lugar de escuta nos auxilia a cartografar linhas de força e escutar onde as escolhas estão impedindo essa força de se expressar.

O Real se exerce em linguagem e a análise vai na direção do Real, onde é possível gritar outros modos de existência, outras práticas de vida onde há um pensamento da vida, sobre ela.

A força que faz gritar vem antes do horror, de maneira que quando pensamos com as categorias da vida, grita-se onde o pensamento estiver sendo sufocado. Logo, há que se desterritorializar, criar linhas de fuga; pois a linha de fuga é fuga em relação ao que ela não é, é o processo analítico de "onde há o isso, o eu deve advir". Perspectiva ética de uma escolha imaginária em que o "eu" deve se colocar a altura do ponto de vista pulsional. A força do gritar não é o grito, é aquilo que me faz gritar. O grito é um exercício desafinado do canto, o exercício pulsional é um exercício de afinação desse berro.

O inconsciente é um gritar constante de natureza ética, de perspectiva pulsional, onde não se pode abrir mão do desejo, do bem-dizer, um dizer, uma estilística da existência, a expressão de uma existência, menorização da língua maior, gaguejar dentro da própria língua, a criação do singular.

A liberdade de gritar a ser conquistada é de consistência ética, visto que a pulsão é essencialmente atividade, mas não é tarefaira. Há uma determinação ética, no sentido de qual medida o isso é desnaturalizante da pulsão, em outras palavras, em que medida o racismo contra a população negra evidencia a posição colonizadora da branquitude<sup>18</sup>.

19 Talib Kweli Greene, mais conhecido como Talib Kweli, é um MC estadunidense. Seu primeiro nome significa "estudante" ou "buscador da verdade" em árabe e seu nome do meio significa "verdade" em suaíli. Talib começou a ganhar reconhecimento com o Black Star, uma colaboração com seu companheiro Mos Def. Referência: <https://citacoes.in/autores/talib-kweli/>

A natureza da escuta e a ordenação da análise visa a construção de estrangeirismo dentro da língua. O que está na origem do gritar? O que reside na origem do dizer? O pensamento originário que é a vida, a vida como um processo de desterritorialização, a construção de um lugar de escuta é uma força afirmativa.

### Considerações finais

Por meio dos estudos das feministas negras, sabemos que gênero e raça são as primeiras formas de inscrição do poder no corpo, desse modo, como os agenciamentos que o atravessa são importantes para constituição e análise do desejo.

Pretendemos com esta reflexão propor que o lugar simbólico da análise não é o único registro pelo qual a análise se dá. Em concomitância há o registro do imaginário, aqui articulado pela identidade, bem como, o registro real, representado pelo corpo em sua materialidade pulsional. Certamente, a articulação destes três registros não é uma novidade per se. Porém, o que se torna necessário é lembrarmos que o registro identitário é, sobretudo no contemporâneo, o que leva uma pessoa ao consultório e que muitos analistas não problematizam a importância sociocultural do imaginário. É necessário lembrarmos que a vida em sociedade se atualiza no jogo das relações identitárias, pois que são relações de poder e, portanto, organizam as trocas materiais e afetivas no tecido social. Deste modo, os marcadores sociais de diferença e sua interseccionalidade são elementos constitutivos da identidade e da inserção desta nos processos de subjetivação.

Ter a consciência de que nossa identidade, querendo nós ou não, determina nossos lugares de fala e de escuta, é um importante diferencial na clínica em direção à verdade do sujeito. Lembremos o pensamento do rapper Talib Kweli Greene<sup>19</sup>: "Nenhuma pessoa branca que vive hoje é responsável pela escravidão. Mas todos brancos vivos hoje colhem os benefícios dela, assim como todos os negros que vivem hoje têm cicatrizes dela". Quando nos dermos conta de que querendo ou não, pelo simples fato de sermos brancos, já escutamos e falando de um lugar de privilégios no tecido social, talvez possamos iniciar um trabalho de desconstrução destes privilégios e promoção de empatia em relação ao sofrimento do outro.

Tentamos apresentar aqui alguns elementos norteadores desta desconstrução: o distanciamento do analista em relação à sua própria língua que constitui sua identidade. Ou seja, a tentativa de fazer-se estrangeiro em sua própria língua. Assim, como no filme, Jacob diz a Soren: "Sou um estrangeiro, como posso te escutar?" É nessa mesma posição que reside o lugar de escuta, do estrangeirismo, do contrário, como trabalharemos com o estrangeiro em nós, fora de nós e entre nós?

Afastar-se de si, não com indiferença ou como quem não quer responsabilizar-se, mas antes, com implicação e empatia ao sofrimento alheio, percebendo o lugar de fala e escuta do analista na produção deste sofrimento enquanto parte da sociedade é o maior desafio contemporâneo para a revolução de uma clínica costumeiramente pensada a partir da individualidade, sem se dar conta de que esta é também uma produção social.

